



## NECESSIDADE DE SUPERAÇÃO DE MAPAS EUROCÊNTRICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Eduardo Seide Asanuma

eduardoseide\_1998@hotmail.com<sup>1</sup>

### Resumo

*Esse trabalho reflete acerca de como o eurocentrismo está arraigado na cultura da maioria dos países que foram colonizados, como o Brasil, e de certa forma têm traços de submissão que vigoram até os dias de hoje. Um exemplo disso se dá dentro das instituições de ensino, cujo planisfério - um importante instrumento para que a apreensão do ensino seja consolidada, principalmente nas aulas de Geografia - é apresentado na grande maioria dos casos de forma eurocêntrica, destacando assim o imperialismo que configura o planeta desde o século XIV. O objetivo do artigo é de demonstrar possibilidades de utilização de outras configurações dos mapas nas salas de aula. É também de discutir em torno da importância da desconstrução desse modelo atual no qual nossa sociedade está habituada a uma espécie de sujeição em relação aos países considerados desenvolvidos, não no sentido de esquecimento da história, mas para ajudar que a consciência e criticidade se construam por meio de reflexões, e a mudança da maneira de como o mapa é apresentado é um fator que pode ajudar nesse processo. O procedimento metodológico se baseia na leitura de referencial bibliográfico. Considerando a relação entre a Cartografia e Geografia é de suma importância que os dados existentes nessas áreas sejam tratados com veracidade, ou seja, desconstruindo conceitos vigentes.*

**Palavras-chave:** Mapas; Eurocentrismo; Ensino.

### Introdução

A ciência Geográfica, em sua complexidade, que envolve desempenhar de forma elucidativa os fenômenos físicos, biológicos, e antropológicos que exercem dinâmicas que acometem diretamente a Terra em escalas diferentes seja de tempo e/ou espaço, deve-se estudar suas causas e relações, uma vez que estes influenciam todos os modos de vida. Na sua etimologia a palavra Geografia (Geographía) vem do grego e significa escrever ou descrever a Terra, e com o uso das linguagens escritas ou verbais, essa função inicial se torna muito complexa, comprometendo seu objetivo, por isso há a necessidade de representação de forma gráfica.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Geografia (licenciatura) na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Para registrar de forma evidente e precisa as informações constituídas pela Geografia, esta faz uso de elementos, instrumentos ou técnicas cartográficas como o uso de plantas, mapas e cartas, para representar porções do espaço, ou a tentativa de representar todo o espaço terrestre (com escala muito reduzida), como a representação de todo o globo por meio de planisférios, que significa justamente representar a esfera de forma planificada.

Cartografia é entendida como a representação geométrica plana, simplificada e convencional de toda a superfície terrestre, ou de parte desta, apresentada através de mapas, cartas ou plantas.

Segundo Batista et al. (2016) o mapa muitas vezes é visto como símbolo no ensino da Geografia, essa associada à cartografia são fundamentais nas salas escolares, mas, seu uso por vezes é feito de maneira inadequada não contribuindo para a aprendizagem efetiva por meio deste instrumento, deixando uma lacuna na compreensão espacial dos estudantes.

O objetivo do artigo é de demonstrar possibilidades de utilização de outras configurações dos mapas nas salas de aula. É também de discutir em torno da importância da desconstrução desse modelo atual no qual nossa sociedade está habituada a uma espécie de sujeição em relação aos países considerados desenvolvidos, não no sentido de esquecimento da história, mas para ajudar que a consciência e criticidade se construam por meio de reflexões, e a mudança da maneira de como o mapa é apresentado é um fator que pode ajudar nesse processo. Aborda de forma muito breve o histórico dos mapas, a relação de submissão aos países europeus que perduram até a contemporaneidade e demonstrará possíveis utilizações de mapas alternativos no ensino de Geografia.

## **O mapa através do tempo**

O mapa tem sido um instrumento de documentação, localização e comunicação, utilizado desde os primórdios da humanidade. Antigas civilizações o usavam para estratégias de sobrevivência que incluem, caça, abrigo, técnicas de batalha. Atualmente com o avanço tecnológico, o mapa é principalmente associado aos serviços de localização (exemplo *GPS*). Porém, sua utilização tem uma amplitude adimensional. Por meio dele, diversas questões (ambientais, socioeconômicos, educacionais, de saúde etc.) podem ser representadas



espacialmente, retratando a dimensão territorial, facilitando e tornando mais eficaz a sua compreensão.

Segundo Oswald Dreyer-Eimbcke (1992, p. 41), é possível que “todas as civilizações do mundo possuíssem, desde as épocas mais remotas, algum tipo de representação simbólica ou geográfica de seu mundo habitado e conhecido”.

Desde as eras mais remotas, usando por vezes estranhos materiais, o homem soube anotar graficamente os pontos de referência da paisagem circundante, capazes de guiá-lo ou afastar-se do seu meio, ou a ele retornar. Todos os povos, no passado, tentaram explorar suas terras, ou as vizinhas, passando depois às mais afastadas, criando assim, aos poucos, sua própria imagem do mundo. Suas primeiras produções, porém, jazem ocultas nas sombras da Pré-História. Essa aptidão para o desenho cartográfico, dizem os especialistas, é inata na espécie humana (ADONIAS, 2002, p. 35).

O mapa mais antigo da humanidade foi descoberto no ano de 1963 na Catal Hyük, cidade da antiga Anatólia - atual Turquia - desenterrado nas escavações em Ancara, pintado na parede de uma caverna aproximadamente no ano de 6.200 a.C.. Na representação estão dispostas às “colméias” uma habitação típica da Antiguidade denominada assim em decorrência à semelhança com a “casa das abelhas” -, e o vulcão em erupção, Hasan Dag, em Konya - visível de Catal Hyük (MENDONÇA, 2007).

Diversos historiadores apontam possibilidades de inúmeros mapas anteriores aos até então descobertos. Isso se dá pelo motivo de a qualidade onde eram produzidos ser de maior durabilidade e resistência, como argilas, couros, pedras e conchas, árvores e parede de cavernas (BLACK, 2003).

O povo grego contribuiu altamente para o conhecimento sobre o planeta terra, como a sua esfericidade, a existência dos polos, equador e trópicos, o conhecimento da obliquidade da eclíptica, a idealização dos primitivos sistemas de projeção, a introdução das longitudes e latitudes, e o traçado dos primeiros paralelos e meridianos. Porém, nota-se que a representação do hemisfério Norte para cima é uma convenção feita posteriormente.

Treze séculos mais tarde, Cristóvão Colombo leu a Geographia de Cláudio Ptolomeu e imaginou que era possível chegar às “Índias”, no Oriente, navegando pelo Ocidente, já que, segundo o mapa-múndi ptolomaico, havia um contínuo territorial entre a África e a Ásia – o Oceano Índico era um “mar fechado” – e um mesmo Oceano banhava as costas ocidentais da Europa (Portugal e Espanha) e orientais da Ásia (Índia), por isso, Colombo denominou as Antilhas de “Índias Ocidentais”.

Paradoxalmente, essa foi a maior contribuição de Ptolomeu para a cartografia (GUEDES, 2002, p. 19).

O impulsionador para às navegações e abertura do mundo foi a redescoberta da Geographia de Ptolomeu, no século XV, sendo seguida fielmente como um manual ou até mesmo como Bíblia, conforme Rodrigues e Mendonça (2007). Ou seja, no período pré-colombiano já existiam mapeamentos que proporcionavam às expedições em busca de recursos.

### **Monoculturalidade e a subjugação ao dominador**

Os principais mapas que são utilizados no ensino (livros didáticos e atlas) possuem uma configuração de posicionamento muito característica, desde sua popularização quando Mercator (1569) desenvolveu seus tradicionais mapas eurocêntricos – aqueles em que o continente europeu encontra-se ao centro na parte superior – no ano de 1584 que tinham finalidade de ajudar no processo de expansão europeia, além disso, muitos possuíam o pensamento de que estariam beneficiando a etnia dominada e que levariam civilidade. No entanto isso gerou genocídio e etnocídio, exaltação e imposição da cultura europeia, o que configurou o etnocentrismo europeu presente até os dias atuais (SEEMAN, 2003).

Meneses (2000) define etnocentrismo como um preconceito embutido nas sociedades e que simultaneamente introduzem e exaltam a própria cultura, considerando assim, as outras erradas e realizam o julgamento dos povos pelos padrões de sua própria sociedade. Essa ideia é uma inverdade pois sabe-se cientificamente que os povos pré-colombianos na América-Latina, por exemplo, possuíam tecnologias na área da arquitetura, sistema agrícola que envolviam a irrigação altamente avançados e consolidados. Importante destacar “que uma cultura é tão válida como outra qualquer, pois não se encontra critérios decisivos para classificá-la” (MENESES 2000, p.249). A representação a seguir (figura 1) coloca a América Latina e América do Norte em equivalência, como se em uma balança às duas tivessem o mesmo igualdade.

**Figura 1** - Obra "Ni arriba ni abajo"



Fonte: Nicolás García Urriburu (1933).

A figura 1 representa as Américas na horizontal, portanto eliminando a convenção de Norte e Sul na nomenclatura dos hemisférios. É um mapa crítico que questiona o tratamento e construção de valores que às nações construíram através da história, como segue:

O fundo em cores quentes alertam para um cenário conflituoso ou, pouco harmônico, para representar esse equilíbrio. [...] Imagem utópica propõe que após 58 anos da obra manifesto de Torres Garcia poderíamos estar em relação de igualdade... Estamos longe desse equilíbrio da balança? A América Latina é composta por índios, imigrantes europeus, africanos, asiáticos... Essa multiculturalidade dificulta a definição do que somos. As fronteiras físicas não contornam o espaço latino-americano, estamos também como imigrantes nos outros continentes, assimilamos e somos assimilados nos diálogos transculturais (COSTA, 2011, p. 196).

Torres Garcia (1935) é referência há várias décadas, com seu mapa (figura 4) que representa a América Latina de maneira invertida (para o padrão convencional), buscando uma autonomia, e chamando atenção para a necessidade de se repensar as relações da América Latina, como a sua posição de dependência.

Há um direcionamento para que os mapas, majoritariamente considerados como tradicionais, privilegiam o hemisfério norte (que ocupa dois terços do mapa), em especial a Europa que está sempre localizada no centro.

A projeção de Mercator subestima muitas áreas em relação a outras, exemplos disso são: A África, com área de 30.370.000 km<sup>2</sup>, tem sua representação diminuída se compararmos

com várias outras áreas, mais especificamente se compararmos com a Groenlândia, cuja área é de 2.166.000 km<sup>2</sup>, mas que na projeção é representada com tamanho superior ao do continente africano, ou pode-se citar o Alasca (EUA) que tem a sua área 1.718.000 km<sup>2</sup> territorial representada com tamanho maior do que a área 1.973.000 km<sup>2</sup> territorial do México.

Há outras projeções que tem o objetivo de diminuir as divergências de área como a de Peters, Hölzel e Azimutal Equidistante Polar, porém não conseguem representação exata quanto aos formatos, já que a Terra é uma elipse e diante dos métodos científicos conhecidos não há a possibilidade de planificação. Entretanto, as representações que procuram sugerir alternativas, seguindo outros modelos, como por exemplo a representação do hemisfério sul acima do hemisfério norte, acabam não tendo tanta adesão, por fatores diversos - como o hábito presente no imaginário da sociedade em que a configuração do globo deve ser o oposto ao citado causando confusão - que podem ser mudados se em conjunto com essa representação, possuam justificativas. Considerando que nos processos educacionais atuais procuram-se modelos libertadores, no sentido de ressaltar a importância dos países (considerados subdesenvolvidos e em sua maioria no hemisfério sul) os quais têm um histórico de subordinação, tendo sido e atualmente sendo (de outras formas) espoliados por países considerados desenvolvidos.

**Figura 2** - Projeção de Mercator original (1587).



Fonte: IBGE.

**Figura 3** - Projeção de Mercator recente.



Fonte: IBGE.

Na figura acima (2) pode-se observar a representação do mapa de Mercator do ano de 1587 na qual a Europa situa-se na região central que facilita a visualização para realização da navegação, exploração e dominação.

A figura 3 demonstra uma versão atualizada da mesma projeção de Mercator porém sem mudanças significativas em sua configuração e que permanece favorável aos países do hemisfério norte e europeus. Mesmo após séculos de sua criação, a representação de Mercator continua sendo a mais utilizada.

### **Orientação como convenção**

Considerando que o planeta Terra está inserido em uma galáxia a qual não possui uma orientação dentro do universo, podemos concluir que norte, sul, leste e oeste são elementos criados em convenções para facilitar o entendimento em relação à geolocalização. Como uma esfera, o geoide não possui uma centralidade sendo impossível definir que determinado ponto tenha um caráter central na superfície do planeta. Diante disso um mapa não deve ter um padrão

cuja certa localização seja definida de forma sempre centralizada, ou com um continente acima do outro.

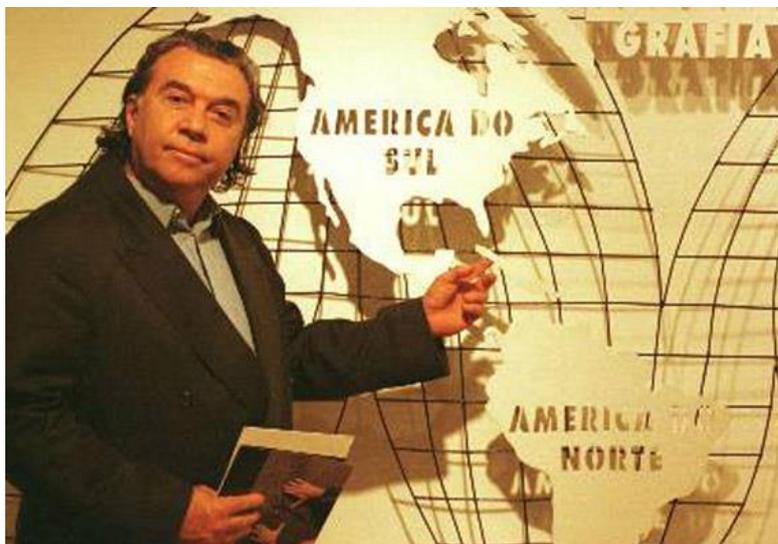
**Figura 4** - Obra “*El norte es el Sur*”



Fonte: Joaquim Torres Garcia (1935).

A figura 4 é a obra do artista Joaquim Torres Garcia que demonstra uma inversão da América Latina entre o norte/sul. Objetiva a inversão da “posição de dependência, valorize seu legado, resgatando a arte indígena com sua geometria, entretanto estabelecendo um diálogo entre uma arte construtiva que harmonizasse com as leis universais e com o saber de todos os tempos históricos” (COSTA, 2011, p.193). Nota-se a partir desse mapa, que é um clássico, que às preocupações com essa desconstrução permeiam há décadas, e mesmo assim não houve a adaptações significativas na maioria das áreas que se utilizam de mapas.

**Figura 5** - Obra “A nova Geografia”



Fonte: Rubens Gerchman (1971).

A figura acima (5) foi uma homenagem de Rubens Gerchman à obra de Torres (figura 4), invertendo a nomenclatura da América do Norte com a da América do Sul.

Existem duas formas de delimitação Norte-Sul do globo. A física é definida pela Linha do Equador de forma retilínea. E a econômica mantém a América Latina, África e alguns países da Ásia localizados no considerado Sul. E os classificados desenvolvidos como os países europeus, Estados Unidos da América, Austrália, entre outros a norte.

**Figura 6** - Mapa da nova ordem mundial



Fonte: Rodolfo F. Alves Pena (2019).

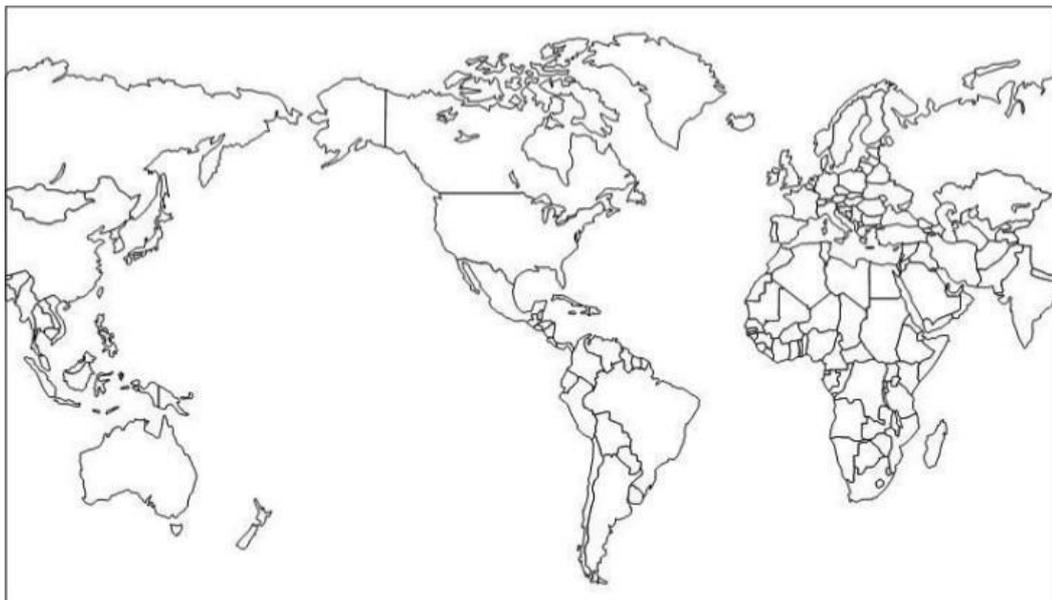
Faz-se importante destacar que essa divisão ocorre demasiadamente generalizada, pois não há como equiparar o desenvolvimento econômico do Brasil com a Somália, por exemplo, ou o Estados Unidos com os países da antiga URSS.

O mapa em seus mais variados aspectos de utilização, pode considerar a origem do fenômeno a ser exposto de forma destacada, quando se trata do país originário do estudante e havendo a necessidade de projetar o planisfério para determinada explanação, retirando o caráter global-local pode-se utilizar o local-global para tratar as dinâmicas.

Há fatores pelos quais também torna cômodo a utilização no formato usual, eurocêntrico, que é o fator geológico de formação atual dos continentes. A Eurásia possui uma dimensão continental muito vasta. Caso deslocada cartograficamente para o leste (conforme a projeção Cilíndrica) haverá uma quebra na projeção e corte no território, separando-o para o extremo oeste.

E isso influencia no caso de colocar o Brasil ao centro. Pode gerar uma confusão nos alunos, sendo importante contextualizar a demonstração do mapa em todas as abordagens, assim pode-se dizer que estará se fazendo o uso.

**Figura 7 -** Representação cartográfica com o Brasil na centralidade



Fonte: Fernanda Brum Lopes (2012).



### **Sugestões de uso**

Abaixo estão dispostas algumas sugestões que podem ser utilizadas nas aulas quando os temas forem relacionados com o conteúdo para realizar a superação de uso de mapas com modelo eurocêntrico,

Compra do Alasca pelos Estados Unidos (1867): Nas projeções comuns a Rússia (que anteriormente possuía o território do Alasca) e o Alasca estão nos dois extremos (leste e oeste, respectivamente), porém na figura 3 com a projeção diferenciada pode-se observar que se encontram muito próximos. Isso deixa muito mais didático e evidente para os estudantes realizarem a compreensão da proximidade e pertencimento ao antigo território.

Navegação, transporte e comércio: Navios com novas tecnologias utilizam-se de trajetos alternativos de navegação. Ao invés de seguir rotas tradicionais pelo Oceano Atlântico saindo do Brasil rumo a países do extremo oriente, por exemplo, realizam diferentes percursos pelo canal do Panamá ou o sul da América do Sul e seguindo pelo Oceano Pacífico. No mapa da figura 3 há uma visão por completo do oceano sem a fragmentação dos mapas usuais. Utilizando-o é possível obter uma melhor forma de explicar essas novas formas de trocas comerciais.

Atividade prática: Pode ser utilizada em diversos conteúdos trabalhados em sala, sendo que, em algum desses o mapa tradicional eurocêntrico será viável, e em temáticas diferentes, outras configurações serão uma melhor opção. Diante disso é sugerido a confecção de um planisfério o qual é dividido seus continentes como um quebra-cabeça, seus encaixes devem ser dinâmicos, assim projetando o planisfério com diversos aspectos de acordo com a pertinência do assunto, montando e remontando-o.

### **Considerações finais**

Considerando todo o histórico da cartografia e incluindo o período das grandes navegações na qual os mapas mais populares foram confeccionados, compreende-se que esse costume estendeu-se durante toda a história da utilização dos mapas desse período em diante atingindo assim o ambiente escolar principalmente no ensino de Geografia. Entretanto a ciência geográfica que tanto questiona a dominação aos países de cunha imperialista ainda não se habituou à utilização de outros mapas de caráter não eurocêntricos.

A intenção desse trabalho é de direcionar aos profissionais de educação da área de Geografia a reflexão sobre outros modos de utilização dos mapas, que ajudem a desconstruir esses traços e construir uma nova linha na qual os alunos se considerem como atuantes e transformadores no espaço. Percebendo assim um mundo com outras configurações à regionalização.

### Referências

- ADONIAS, Isa. **Olhando o Mundo Através de Símbolos, Cores e Palavras**. IN: Paulo MICELI (org). Op. Cit. 2002. p. 35.
- BLACK, Jeremy. **Visions of the World. A History of Maps**. London: Mitchell Beazley, 2003.
- DREYER-EIMBCKE, Oswald. **O descobrimento da Terra: história e histórias da aventura cartográfica**. São Paulo: Melhoramentos, 1992. p. 41.
- GUEDES, Max Justo. **A Preservação da Memória Nacional**. IN: Paulo MICELI (org.). Op. Cit. 2002. p. 19.
- BATISTA, Natália Lampert; PIRES Viviane Regina; FERNANDES, Nadinne da Silva; [et al]. O Esporte orientação como possibilidade pedagógica no município de Quevedos, RS. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v.7, n.20, p. 110-118, nov/2016.
- COSTA, Maria Luiza Calim de Carvalho. O mapa de ponta cabeça. **World Congress on Communication and Arts**.
- MENESES, Paulo. **Etnocentrismo e Relativismo Cultural**. Algumas Reflexões. Síntese, Belo Horizonte, v. 27. n. 88, p. 245, 2000.
- SEEMAN, Jörn. Mercator e os Geógrafos: Em busca de uma “projeção” do mundo. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 02, número 03, 2003.
- MENDONCA, Ana Teresa Pollo. **Cartografia e sua evolução: A cartografia na antiguidade**. 2007. 35 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Cap. 2.
- IBGE. **Introdução a Cartografia**. Disponível em:  
<[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64669\\_cap2.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64669_cap2.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2019.